

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1974

A NECRÓPOLE DO MONTE DO FARROBO (AL)USTREL)

A necrópole romana da Herdade do Farrobo foi escavada em 1959 por Ruy Freire de Andrade, O. da Veiga Ferreira e pelo P.^o Serralheiro. O espólio, recolhido no museu das minas de Aljustrel, acha-se quase completamente inédito. Foram apenas publicadas as alfaias da sepultura número 20 e uma lápide funerária (*).

A Herdade ou Monte do Farrobo dista cerca de 6 quilómetros da povoação de Rio de Moinhos, no concelho de Aljustrel. Houve talvez ali uma *villa* romana, como sugeriu Freire de Andrade. A lápide, mandada gravar por Agria Rufina a seu marido Marco Valério Rufo, a seu filho Marco Valério Marcelo e a seu neto também chamado Marco Valério Marcelo, foi lavrada por certo para um pequeno mausoléu. Na necrópole foram exploradas 38 sepulturas, todas aparentemente de incineração à excepção das n.^{os} 5 e 14. Nem todas tinham espólio.

Agradecemos aos Senhores Engenheiros Jacques Louis e R. Freire de Andrade a autorização que nos concederam para estu-

(¹) A lápide em R. FREIRE DE ANDRADE, *Uma lápide romana do Monte do Farrobo — Rio de Moinhos*, «Conimbriga», I, 1959, p. 109-114. O espólio da sepultura 20 em R. FREIRE DE ANDRADE, *A sepultura número 20 do cemitério lusitano-romano do Farrobo*, «Arquivo de Beja», XX-XXI (1963-64), p. 115-123; R. FREIRE DE ANDRADE e O. DA VEIGA FERREIRA, *Um vaso lusitano-romano com vidro de chumbo, encontrado no Monte do Farrobo — Rio de Moinhos*, «Revista de Guimarães», LXXVII, 1967, p. 107-114; M. ALMAGRO GORBEA, *Nuevas aportaciones para el estudio del ajuar de la sepultura 20 de la necrópolis de Farrobo (Aljustrel)*, «Arquivo de Beja», XXIII-XXIV, (1966-67), p. 213-223; J. ALARCÃO, *Une coupe à ford d'or découverte à Farrobo, Portugal*, «Journal of Glass Studies», X (1968), p. 71-79.

darmos estes materiais, que vamos descrever sepultura por sepultura.

Os desenhos das peças estão todos a 1:3 excepto quando expressamente mencionarmos outra escala.

SEPULTURA 1 (Est. I)

Cabo de espelho. Coluna de secção octogonal, moldurada a intervalos regulares e inferiormente esvasada. A parte superior é fendida para encaixe do disco, do qual todavia não resta mais do que a parte represada nesta fenda. Bronze. Altura: 85 mm. Esc. 1:2.

SEPULTURA 2 (Est. II)

1. Copo. Barro acinzentado claro, fino. Parece ter tido engobe alaranjado, mas a superfície acha-se muito estragada. Peça de fundo côncavo, assente em pequeno pé. O grande esvasamento inicial interrompe-se. A copa cresce agora quase a prumo e envasa mesmo ligeiramente. O bordo é revirado para fora. Em torno da copa alternam-se três fiadas verticais de três botões cônicos com outras três de cinco botões pequenos irregulares. Superior e interiormente, a copa é moldurada em dois rincões. Altura: 72 mm. Diâm. da boca: 81 mm.
2. Pote (?). Barro fino, acastanhado, com mica e vestígios de calcite, bem alisado. Bojo ovóide, com dois ressaltos sobre os ombros, fundo um pouco côncavo. Altura conservada: 95 mm. Diâmetro máximo: 145 mm.
3. Fíbula. Arco de secção em D, liso. A cabeça constitui uma placa enrolada em canudo, na qual encaixava o eixo. Conserva-se ainda a cabeça do fusilhão, em argola. Bronze ou cobre. Comprimento: 47 mm. Escala: 1:2.

Na mesma sepultura foram ainda encontradas uma lucerna, posteriormente desaparecida do museu, e uma asa de vidro, inclassificável e por isso não ilustrada. Esta mesma sepultura continha ainda fragmentos muito pequenos de, aparentemente, mais dois potes.

SEPULTURA 3 (Est. I)

1. Tigela. Barro grosseiro e arenoso, castanho-alaranjado. Copa quase hemisférica, assente em pequeno pé, fundo côncavo. Diâmetro da boca: 154 mm. Altura: 70 mm.

2. Pote. Barro acastanhado, com mica e vestígios de calcite, medianamente fino. Diâmetro da boca: 144 mm.
3. Bilha. Barro arenoso, beije-alaranjado, bem alisado, e por isso mais brilhante, apenas na metade inferior. Bojo sobre o esférico, contracurvado para formar um bocal afunilado, pé de bolacha muito ligeiramente côncavo. Uma canelura larga decora a parte inferior do bojo. Armada de uma asa de fita. Altura: 128 mm. Diâmetro da boca: 34 mm.
4. Pote. Barro acastanhado. Bojo ovóide, fundo côncavo, bordo ligeiramente envasado como para receber testo. Altura: 164 mm. Diâmetro da boca: 103 mm.

Na mesma sepultura foi ainda encontrada uma lucerna, posteriormente desaparecida e pequenos fragmentos de vidro e de, aparentemente, mais uma bilha. Estes fragmentos são todavia demasiadamente pequenos para se poderem reconstituir perfis.

SEPULTURA 4 (Est. II)

1. Púcaro. Barro cinzento escuro e micáceo, de superfície muito bem alisada e macia, ainda que sem brilho. Bojo periforme, moldurado um pouco acima da maior altura, bordo ligeiramente envasado e asa de fita. Altura: 117 mm. Diâmetro da boca: 103 mm.
2. Tigela. Barro grosseiro, muito arenoso, castanho-claro. Copa hemisférica, pé de bolacha com fundo côncavo. Altura: 73 mm. Diâmetro da boca: 156 mm.

Na mesma sepultura havia ainda fragmentos de outra vasilha não identificável.

SEPULTURA 5 (Est. III)

1. Frigideira (ou prato?) Barro cinzento-claro, com muita areia, mas miúda e mica. Fundo côncavo, parede esvasada, bordo biselado e com meia-cana do lado interno. Altura: 42 mm. Diâmetro da boca: 202 mm.
2. Pratinho covo (ou tigela?). Barro castanho-avermelhado com areia muito miúda. Copa sobre o hemisférico assente em pequeno pé, bordo em forma de aba arqueada. Altura: 38 mm. Diâmetro da boca: 122 mm.
- 3 e 4. Lucerna. Dois fragmentos de barro de cor beije rosada, sem vestígios de engobe. Pertencerão ambos à mesma lucerna? Redução a 1:2.

A sepultura era de inumação.

SEPULTURA 6 (Est. II)

1. Prato. Barro grosseiro e arenoso, de cor laranja-avermelhada. Fundo raso, com três molduras concêntricas do lado interno, parede recta e esvasada, bordo em forma de aba horizontal. Altura: 38 mm. Diâmetro da boca: 190 mm.
2. Jarro. Vidro verde-gelo, com bolhas de ar e estrias da soflagem. Bojo esférico, fundo empurrado para dentro, gargalo cilíndrico, bocal trilobado, asa de rolo. Altura: 160 mm. Diâmetro da pança: provavelmente 117 mm. Redução a 1:2.

A sepultura tinha ainda fragmentos de uma outra vasilha de barro e de uma lucerna, demasiadamente pequenos para merecerem ilustração.

SEPULTURA 8 (Est. I)

1. Copo. Barro com quartzo em grãos muito miúdos, de cor laranja-rosada. A superfície está tão estragada que não se percebe que tratamento recebeu. Copa campanular, alta e estreita, carenada, assente em pequeno pé. Altura: 109 mm. Diâmetro da boca: 93 mm.
2. Tigela. Barro cinzento-claro, com muita areia miúda, que caiu deixando a superfície muito picotada. Copa hemisférica, assente em pequeno pé. Altura: 71 mm. Diâmetro da boca: 159 mm.

A sepultura continha ainda, segundo o relatório manuscrito que se guarda no museu, fragmentos de mais duas vasilhas e de lucernas.

SEPULTURA 10 (Est. III)

1. Tigela. Barro beije-rosado com areias muito miúdas. Copa carenada, bordo revirado para fora, pé de bolacha com fundo todavia côncavo. Altura: 74 mm. Diâmetro da boca: 160 mm.
2. Copo. Barro beije-rosado. Copa carenada, bicónica, decorada com três fiadas verticais de dois botões e uma faixa canelada. Tem um grafito na parte inferior da copa. Diâmetro máximo da copa: 104 mm.

A sepultura continha ainda pequenos fragmentos de uma lucerna e de mais duas vasilhas.

SEPULTURA 11 (Est. IV)

1. Púcaro. Barro acastanhado, duro, bem cozido, com areia muito miúda e mica. Bojo ovoide, bordo revirado para fora, pequeno pé bem esquadriado, asas de fita. Altura: 100 mm. Diâmetro da boca: 69 mm.
2. Jarro. Barro de cor beije-rosada. A superfície, bastante enrugada, parece ter sido polida e ganhou uma certa macieza e brilho, além de uma cor mais alaranjada. O fundo é conjectural. A peça, tal como se encontra no museu, foi reconstruída com um fundo que não parece pertencer-lhe. Corpo cilíndrico, bordo revirado para fora e moldurado, asa de fita. Altura: 295 mm. Diâmetro da boca: 84 mm.
3. Pote. Barro laranja-avermelhado. Corpo ovoide, bordo revirado para fora, fundo quase raso. Altura: 118 mm. Diâmetro da boca: 106 mm.
4. Lança de ferro sem alvado. Comprimento: 300 mm.
5. Aro de ferro dobrado em rectângulo. Comprimento: 125 mm.

Na mesma sepultura foram ainda recolhidos pregos de ferro e pequenos fragmentos de mais duas vasilhas.

SEPULTURA 13 (Est. III)

1. Tigela. Barro com areias muito miúdas, beije-acinzentado com engobe alaranjado, por dentro e por fora, mas quase completamente desaparecido. Copa sobre o hemisférico, assente em pé alto e oblíquo, internamente percorrido por uma canelura. Altura: 45 mm. Diâmetro da boca: 85 mm. Reduzida a 1:2.
2. Jarro. Barro de cor laranja-avermelhada. Bojo periforme, bocal envasado, pé de bolacha, asa de fita moldurada. Altura: 182 mm. Diâmetro da boca: 43 mm.
3. Taça. Vidro incolor com bolhas de ar. Picado e com leitosidade. Bordo polido ao torno. Diâmetro da boca: 90 mm. Reduzido a 1:2.

Esta sepultura continha ainda fragmentos de uma garrafa prismática de vidro incolor, de uma outra tigela de barro e dois aros de ferro dobrados em rectângulo, muito corroídos e incompletos.

SEPULTURA 14 (Est. III)

1. Prato covo. Barro beije-alaranjado, bastante arenoso. Copa em calote esférica, canelada sob o bordo amendoado, assente em pequeno pé. Altura: 54 mm. Diâmetro da boca: 234 mm.

2. Prato covo. Barro da mesma qualidade do anterior, bordo sobre o amendoado. Altura: 40 mm. Diâmetro da boca: 145 mm.

Sepultura de inumação.

SEPULTURA 15 (Est. I)

1. Jarro. Barro com muita areia miúda e superfície granulosa, alaranjado. Bojo esférico, canelado na maior largura e sobre os ombros, colo sobre o cilíndrico e bocal afunilado, asa de fita, fundo côncavo assente em pequeno pé. Altura: 148 mm. Diâmetro da boca: 53 mm.
2. Pote. Barro com areia muito miúda e alguma mica, de cor cinzenta com manchas acastanhadas. Superfície talvez polida, mas muito estragada. Bojo ovóide muito largo, assente em pequeno pé, colo alto e arqueado. Decorado com duas faixas de guiloché no bojo e caneluras nos ombros. Altura: 115 mm. Diâmetro da boca: 90 mm.

SEPULTURA 16 (Est. I)

Prato de sigillata clara C, de superfície muito estragada. Fundo horizontal, paredes muito esvasadas, pé em forma de anel muito fino. Altura: 39 mm. Diâmetro da boca: 214 mm.

A sepultura tinha fragmentos de mais duas vasilhas.

SEPULTURA 17 (Est. Y)

1. Púcaro. Barro cinzento-acastanhado, com mica preta e quartzo com grãos miúdos. Fundo raso, bojo ovóide, com uma canelura larga sobre os ombros, bordo biselado pelo interior, asas de fita muito grossas. Altura: 74 mm. Diâmetro de boca: 62 mm.
2. Púcaro. Barro alaranjado, mole e pulverulento, com areias esparsas mas algumas muito grandes. Fundo côncavo, bojo ovóide, bordo revirado para fora, asas de fita. Altura: 91 mm. Diâmetro da boca: 75 mm.
3. Frigideira. Barro beije-acinzentado, com muitas areias miúdas. Fundo raso, paredes encurvadas, bordo revirado para dentro. Altura: 50 mm. Diâmetro da boca: 191 mm.
4. Prato covo. Vidro incolor, com algumas bolhas de ar. Picado e com leitosidade. Copa em calote esférica, bordo em forma de aba horizontal, pé anelar. Altura provável: 49 mm. Diâmetro da boca: 104 mm. Reduzido a 1:2.

A sepultura continha ainda uma vieira e fragmentos de mais duas vasilhas.

SEPULTURA 18 (Est. Y)

1. Tigela. Barro grosseiro e arenoso, alaranjado. Copa hemisférica, pé discóide. Altura: 68 mm. Diâmetro da boca: 157 mm.
2. Prato covo. Barro muito arenoso, cinzento-escuro, embora com algumas manchas castanho-acinzentadas. Copa arqueada, bordo em forma de aba derrubada, pé discóide, ligeiramente côncavo. Altura: 37 mm. Diâmetro da boca: 137 mm.
3. Jarro. Barro alaranjado com areias muito miúdas. Fundo quase raso, bojo ovóide. Diâmetro máximo do bojo: 160 mm.
4. Tigela. Barro alaranjado, bastante arenoso, mas de superfície muito bem alisada. Fragmento demasiadamente pequeno para se poder determinar o diâmetro.

A sepultura continha ainda uma lucerna, posteriormente desaparecida do museu, e fragmentos de mais três vasilhas.

SEPULTURA 19 (Est. VI)

1. Pote. Barro com areia muito miúda, de cor branco-suja, com engobe de cor de areia muito estragado. Bojo ovóide, assente em pequeno pé, bordo revirado para o exterior. Ombros corridos por uma canelura. Altura: 85 mm. Diâmetro de boca: 72 mm.
2. Fragmento de placa de xisto com uma quadrícula riscada. Reduzida a 1:2.

A sepultura continha ainda um fragmento de vidro.

SEPULTURA 20 (Est. VII)

1. Lucerna. Barro beije, com bastante areia mas muito miúda, sem engobe. Bico cordiforme, asa perfurada, orla decorada com uma coroa de folhagem atada a intervalos regulares, disco ornamentado com um centauro marinho. O disco tem dois orifícios, de alimentação e ventilação. Comprimento: 120 mm. Altura incluindo a asa: 48 mm. ²
2. Púcaro. Barro beije-acinzentado, com vidrado de cor verde-amarelada, tornando-se acastanhado nos pontos onde é mais espesso, por exemplo nas extremidades das folhas que decoram a copa. O vidrado foi aplicado mergulhando nele a peça, pois falta vidrado nos pontos correspondentes

à aplicação dos cinco dedos que seguravam o púcaro. Por outro lado, a concentração de vidro na canelura larga que contorna o fundo externo é igualmente prova de imersão. Duas pérolas de vidro no bordo correspondem a uma escorrência. Copa ovoide, assente em pé oblíquo, bordo revirado para fora. A copa é ornamentada com 22 folhas imbricadas de um lado, 19 do lado oposto. Asas de fita. Altura: 87 mm. Diâmetro da boca: 84 mm.

3. Travessa de sigillata clara C, de superfície muito estragada. Fundo horizontal, assente em pequeno pé de perfil quadrado, copa baixa, abas que lhe dão uma forma oblonga. Tem marca de oficina, infelizmente ilegível, na parte interna. Altura: 31 mm. Diâmetros: 278 x 202 mm.
4. Jarro. Vidro verde-gelo, com bolhas, muito estriado da soflagem, com impurezas negras. Começo de corrosão com aspecto de vidro gelado. Bojo ovoide, fundo empurrado para dentro, gargalo cilíndrico, bordo revirado para dentro e tubular, asa de fita. Altura: 150 mm. Diâmetro de boca: 53 mm.
5. Garrafa. Vidro incolor, com bolhas de ar. Picado, com leitosidade, manchas ferruginosas e corrosão com aspecto de vidro gelado. Corpo prismático, soprado em molde e decorado com uma cruz em relevo no fundo. Dimensões médias da base: 75 x 73 mm.
6. Taça. Vidro incolor, ligeiríssimamente tingido de verde-maçã só perceptível na grossura do fundo, com bolhas de ar. Fragmentada mas quase completa. Picada, com riscos do uso e pequenas e múltiplas ranhuras. Corrosão leitosa. Parede sinuosa, bordo de arestas polidas ao torno. Pé formado de uma segunda «paraison». No fundo, uma inscrição, DVLCIS VIVAS, deve ler-se do interior da taça. Todas as letras e linhas, com excepção da que serve de base à palavra VIVAS, foram feitas em fio de vidro incolor, posteriormente coberto com folha de ouro. Aquela linha foi feita com vidro branco opaco. Reproduzimos a legenda a 2:3, identificando os diversos fios de vidro que compuseram a inscrição e o respectivo quadro. Os números indicam a ordem de aplicação dos fios correspondentes. Altura: 58 mm. Diâmetro da boca: 116 mm. Diâmetro máximo: 129 mm.

O relatório manuscrito da escavação refere ainda a existência de mais duas taças de vidro que infelizmente desapareceram. Não ilustramos alguns fragmentos minúsculos de vidro, não identificáveis, bem como um fragmento de outra peça vidrada, também demasiadamente pequeno para merecer ilustração. A sepultura tinha ainda um prego de cobre. Sem contar com este, e admitindo que alguns daqueles fragmentos de vidro podem corresponder às taças desaparecidas, ou à garrafa n.º 5, temos de concluir que a sepultura tinha pelo menos nove peças.

SEPULTURA 21 (Est. V)

1. Panela. Barro grosseiro, arenoso e micáceo, laranja-avermelhado. Bordo revirado para fora e dobrado sobre os ombros. Diâmetro da boca: 126 mm.
2. Pote (?). Barro da mesma qualidade, mas aparentemente pertencente a outra peça.

SEPULTURA 24 (Est. VI)

1. Púcaro. Barro beije, bastante arenoso. Fundo côncavo, corpo bicónico, percorrido por uma canelura na raiz da asa. Embora se conserve apenas unía asa, a peça era possivelmente munida de duas. Altura provável: 86 mm.
2. Pote. Barro com areia muito miúda, de cor cinzenta, de superfície muito estragada. Pequeno pé, bojo ovoide, bordo definido por um estrangulamento. Altura: 81 mm. Diâmetro da boca: 73 mm.

A sepultura continha ainda uma lucerna que posteriormente desapareceu, e fragmentos que aparentemente pertenciam a outra lucerna e outra vasilha.

SEPULTURA 25 (Est. VI)

1. Púcaro. Barro alaranjado, com areia muito miúda. A superfície parece ter sido brunida, ou pelo menos muito bem alisada, mas está tão impregnada de terra que é difícil verificar-se que tratamento teve. Copa sobre o bicónico assente em pequeno pé, bordo biselado pelo interior. Armado de asas de fita. Altura: 90 mm. Diâmetro da boca: 70 mm.

SEPULTURA 27 (Est. VI)

1. Tigela. Barro grosseiro, com areias grossas, laranja-acastanhado. Base discoide, copa sobre o hemisférico. Altura: 68 mm. Diâmetro da boca: 124 mm. ²
2. Lucerna. Barro fino e mole, beije-rosado, sem engobe. Bico cordiforme, asa perfurada, orla decorada com uma cercadura de óvulos. Comprimento: 104 mm. Altura (sem asa): 27 mm.

A sepultura continha ainda fragmentos de outra vasilha.

SEPULTURA 28 (Est. VIII)

1. Púcara. Barro alaranjado. Base discoide, bojo ovóide, com uma canelura na raiz da asa, bordo oblíquo inclinado para fora, asas de secção rectangular. Altura: 132 mm. Diâmetro da boca: 100 mm.
2. Tigela. Barro alaranjado grosseiro com algumas areias esparsas muito grossas. Base em forma de bolacha, copa arqueada, bordo boleado. Altura: 56 mm. Diâmetro da boca: 154 mm.

SEPULTURA 29 (Est. VIII)

Lucerna de barro fino e mole, de cor branco-suja. Se tinha engobe, desapareceu completamente. Orla lisa, disco ornamentado com cornucópias cruzadas.

A sepultura continha ainda fragmentos de duas ou três vasilhas.

SEPULTURA 32 (Est. IX)

1. Garrafa. Barro arenoso e micáceo, com areias todavia muito miúdas, de cor laranja-acastanhada. Fundo quase raso, corpo sobre o cilíndrico, com certo esvasamento, ombros ornamentados com um rincão, gargalo curto, bordo em forma de aba derrubada, asa de fita. Altura: 197 mm. Diâmetro de boca: 66 mm.
2. Pote. Barro relativamente fino e mole, com areia e mica muito miúdas, de cor laranja-avermelhada, revestido de engobe vermelho em grande parte desaparecido. Base discóide, corpo ovóide, bordo arqueado e revirado para fora. Altura: 164 mm. Diâmetro da boca: 122 mm.
3. Placa de xisto rectangular, de lados cortados em bisel, com uma cavidade ovóide irregular na face inferior. Dimensões: 85 x 42 mm. Reduzida a 1:2.
4. Pote. Barro beije-acinzentado, grosseiro e arenoso. Bojo ovóide, bordo envasado. Altura: 166 mm. Diâmetro da boca: 102 mm.
5. Copo. Vidro ligeiramente tingido de verde-maçã num dos lados, vagamente violeta do outro. A cor violeta é exactamente mais viva ao aproximar-se da parte verde. Estas diferenças de tonalidade não são certamente intencionais, mas resultantes de impurezas. Vidro com bolhas de ar. Copa campanular, decorada com linhas finas incisadas, pé apertado com turquezas, bordo de arestas vivas. Altura: 84 mm. Diâmetro da boca: 95 mm.
6. Jarro. Barro arenoso e micáceo, laranja-acastanhado. Bocal trilobado.

A sepultura continha ainda fragmentos de uma lucerna e outra vasilha.

SEPULPURA 33 (Est. VIII)

Jarro. Barro muito arenoso, laranja-acastanhado. Base em forma de bolacha, bojo periforme, decorado com duas caneluras nos ombros, asa de fita muito grossa e irregular. Diâmetro máximo: 125 mm.

SEPULTURA 34 (Est. VIII)

Jarro. Barro beije-amarelado, arenoso, de textura superficial granulosa. Fundo discoide e ligeiramente côncavo, bojo periforme, bocal afunilado, asa muito grossa de secção rectangular. Altura: 220 mm. Diâmetro da boca: 67 mm.

SEPULTURA 35 (Est. VI)

1. Prato covo. Barro vermelho-acastanhado, relativamente fino, embora com areia, mas muito miúda. Pé bem moldurado, copa arqueada, decorada superior e inferiormente com dois cordões lisos, bordo em forma de aba descaída. Altura: 41 mm. Diâmetro da boca: 154 mm.
2. Boião (?). Vidro verde-gelo, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem. Riscado e com leitosidade incipiente. Bocal esvasado, bordo tubular revirado para dentro. Diâmetro da boca: 80 mm. Reduzido a 1:2.
3. Balsamário. Vidro verde-gelo, com bolhas de ar, muito estriado da soflagem. Picado, com leitosidade e manchas ferruginosas. Reservatório bulbiforme, gargalo alto e cilíndrico, com marcas de modelação na base do colo. Diâmetro máximo: 72 mm.
4. Ligula de cobre ou bronze, com patine verde-negra.

A sepultura continha ainda um *as* muito gasto e quase irreconhecível, que nos parece todavia de Cláudio, fragmento de uma lucerna, fragmentos de mais três vasos de barro e um de vidro.

SEPULTURA 36 (Est. VIII)

1. Jarro. Barro bem cozido mas bastante arenoso, com algumas areias mais grossas esparsas, alaranjado. Tecnológica e tipologicamente, esta peça é idêntica à bilha 3 da sepultura 3. Bojo periforme muito largo, assente em pequeno pé, colo contracurvado. Altura: 118 mm. Diâmetro da boca: 35 mm.

2. Copa. Barro beije-amarelado, com bastante areia, mas miúda. Pé em forma de bolacha, copa carenada, bordo ligeiramente engrossado. Decorado com duas caneluras na parte superior da copa, armada de duas asas de secção oval. Altura: 97 mm. Diâmetro da boca: 146 mm.

A sepultura continha ainda fragmentos de urna lucerna e de outra vasilha de barro.

SEPULTURA 37 (Est. V)

Jarro. Barro beije-amarelado, com muita areia, embora miúda, fundo côncavo, bojo periforme muito alongado, bordo revirado para fora. Armado de uma asa da qual só restam os arranques. Altura: 182 mm. Diâmetro da boca: 42 mm.

A sepultura continha ainda um fragmento de vidro e de outra vasilha de barro.

SEPULTURA 38 (Est. IV)

Tigela. Sigillata clara A, com engobe muito estragado. Pé anelar, copa carenada, decorada com guiloché numa zona moldurada. Altura: 60 mm. Diâmetro da boca: 188 mm.

VIDROS

Além das sepulturas 6, 13, 17, 20, 32 e 35, também as sepulturas 2, 3 e 19 continham vidros, mas tão pequenos que a sua classificação é impossível.

O jarro de boca trilobada da sepultura 6 não é uma forma comum. Não encontramos melhor paralelo que uma peça de Colónia encontrada com moeda de Domiciano ⁽²⁾. Com efeito os jarros de boca trilobada têm mais geralmente o fundo apenas ligeiramente côncavo, sem o pé que o nosso exemplar e o de Colónia apresentam.

⁽²⁾ FREMERSDORF, *Das naturfarbene Glas in Köln*, Colónia, 1958, est. 63.

A taça da sepultura 13 pode imaginar-se como uma peça de Caerwent publicada por Boon, uma outra de Drnovo apresentada por S. Petru, as de Tongres, ilustradas por Vanderhoeven ou ainda a de Shakenoak apresentada por Harden (3). A ser assim, corresponderia ao tipo 85 b de Isings e seria uma taça da segunda metade do séc. n ou da primeira metade do m. Dado o pouco que se conserva da taça esta classificação é todavia muito hipotética.

O prato da sepultura 17 é uma forma que se encontra em Conimbriga (4). Isings data do século n d. C. os pratos de vidro incolor fabricados em moldes, por compressão, e posteriormente acabados ao torno (5). Na verdade, porém, fabricaram-se já na época flaviana, pois aparecem em Fishbourne no período 2 (ocupação), datado de 75-100 d. G. (6). Os exemplares encontrados nas escavações luso-francesas de Conimbriga foram recolhidos num estrato contemporâneo de Trajano e em canos do forum flaviano e das termas de Trajano, canos nos quais se encontra muito material que aparentemente foi para ali lançado ao tempo da construção ou pouco depois.

A sepultura 20 continha três peças de vidro. Para os números 4 e 5, não encontramos paralelos exactos. O primeiro pode todavia incluir-se no tipo 45 de Morin- Jean ou no tipo *jug BI* de Yessberg (7), que os autores datam dos séculos i e II d. G. O número 5 é certa-

(3) G. G. BOON, *Roman glassware from Caerwent, 1855-1925*, «The Monmouthshire Antiquary», III, part II (1972-73), n.º 21, p. 116 (séculos n-m); SONIA PETRU, *Anticno Steklo iz Dolenjsko (UnterKrain)*, «Razprave», VI (1969), est. 3, 15 e p. 172; VANDERHOEVEN, *De Romeinse Glasverzameling in het Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1962, n.ºs 142-143 e p. 59; HARDEN, in A. C. G. BRODRIBB, *Excavations at Shakenoak Farm, near Wilcote, Oxfordshire, Part II: Sites R and H*, Oxford, 1971, p. 102, n.º 56.

(4) J. e A. ALARCÃO, *Vidros romanos de Conimbriga*, 1965, n.º 103, 104 e 106, p. 76-77.

(5) ISINGS, *Roman glass in Limburg*, Groningen, 1971, p. 22.

(6) HARDEN e PRICE, *The Glass*, in B. CUNLIFFE, *Excavations at Fishbourne, 1961-1969*, Londres, 1971, vol. II, p. 332, n.ºs 25-26.

(7) MORIN-JEAN, *La verrerie en Gaule sous l'empire romain*, Paris, 1913, p. 101-102, fig. 118; VESSBERG, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV, part 3, The Hellenistic and Roman periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956, p. 200 e fig. 47.

mente urna garrafa de tipo Isings 50 ⁽⁸⁾, mas em vidro incolor, o que é raro. A peça é certamente do século n ou m.

A taça 6 desta mesma sepultura é um dos raros exemplares completos de vidros *a fondi d'oro* ⁽⁹⁾. Os *fondi d'oro* são vidros de luxo, cuja técnica de fabrico era laboriosa. Recortava-se urna legenda ou um motivo figurativo (por vezes mesmo um retrato) numa folha de ouro que se applicava no fundo do vaso; cobria-se esta folha com pó de vidro, cuidadosamente esmagado num almofariz; finalmente applicava-se, soprava-se e trabalhava-se uma segunda *paraison* ⁽¹⁰⁾.

A maior parte dos *fondi d'Uoro* conhecidos provem das catacumbas romanas. São, aparentemente, fundos fragmentados de cálices ou taças. Segundo Vopel, quando se tapavam com alvenaria e argamassa os nichos nos quais se metera o sarcófago, e enquanto a argamassa estava ainda fresca, fixavam-se, pelo fundo, taças ou cálices. Estes, porque ficavam salientes, partiam-se facilmente, tanto mais que as galerias das catacumbas eram estreitas. Assim se explicaria não terem chegado até nós peças completas, mas apenas fragmentos.

Th. E. Haevernick ^(u), retomando uma ideia de Werth, exposta já em 1878, defendeu que os *fondi d'Uoro* não eram, na realidade, fundos de taças, mas simples medalhões utilizados para reconhecer as sepulturas. Os artistas que fabricavam estes medalhões não se davam ao trabalho de cortá-los regularmente a toda a volta. Para quê, se o medalhão devia ficar encaixado na argamassa? Assim, os medalhões têm o aspecto de taças partidas.

A hipótese de Haevernick explica porque é que não se conhece nenhuma peça completa a *fondo d'oro* com motivo figurativo; quanto às peças com legenda em vez de motivos figurativos só

⁽⁸⁾ ISINGS, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957, p. 63.

⁽⁹⁾ Sobre estes vidros vide, entre outros: H. VOPEL, *Die Altchristlichen Goldgläser*, Freiburg, 1899; MOREY, *The gold glass collection of the Vatican Library*, Vaticano, 1959, F. Z AN CHI ROPPO, *Vetri paleocristiani a figure d'oro conservati in Italia*, Bologna, 1969.

⁽¹⁰⁾ H. D'ESCURAC-DOISY, *La verrerie chrétienne découverte à Timgad, «Lybica (Archéologie-Épigraphie)»*, VII, 1959, p. 60-62.

^(u) HAEVERNICK, *Zu den Goldgläsern (Fondi d'oro)*, «Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz», 9, 1962, p. 58-61.

se conhecem, completas, uma taça de Aquincum ⁽¹²⁾ e esta do Monte Farrobo. Estas duas, todavia, sugerem que os *fondi d'oro* legendados correspondem, de facto, a peças completas. Por outro lado, quanto aos *fondi d'oro* figurativos, Boldetti viu uma taça intacta que se partiu quando tentava arrancá-la e Garrucci viu também vasos completos na igreja de Santa Agnès⁽¹³⁾. Assim, devemos admitir que, pelo menos alguns *fondi d'oro* correspondem na realidade a peças completas.

São variadas as cercaduras da legenda em vasos *a fondi d'oro* legendados ⁽¹⁴⁾. Um grupo de 13 peças, no qual o nosso se inclui, apresenta a legenda num rectângulo acompanhado por um fio de vidro serpentiforme ⁽¹⁵⁾:

1. Londres, British Museum, Department of British and Medieval Antiquities, E. G. 600. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas por um traço, [A]NNI / BONI, num quadro rectangular que uma linha serpentiforme acompanha em três lados (mas o lado esquerdo desapareceu). A base do rectângulo é sublinhada por um traço azul escuro. Vopel, *ob. cit.*, p. 85, n.º 22, fig. 9; O. M. Dalton, *Catalogue of Early Christian Antiquities in the British Museum*, Londres, 1901, p. 117, n.º 600 (sem ilustração); A. Kisa, *Das Glas in Altertum*, Leipzig, 1908, p. 471 e 863 e fig. 134; Morey, *ob. cit.*, n.º 304.
2. Paris, Petit Palais, Collection Dutuit, n.º 234. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas por um traço, como no exemplar precedente,

⁽¹²⁾ MELINDA KABA, *Az Aquincumi Üvegek*, «Budapest Régiségei», XVIII, 1958, p. 438.

⁽¹³⁾ Cit. por LECLERCQ, *Manuel d'Archéologie Chrétienne*, II, p. 483, nota 1.

⁽¹⁴⁾ Vid. MOREY, *ob. cit.*, *passim*.

⁽¹⁵⁾ Publicámos inicialmente esta lista em *Une coupe à fond d' or découverte à Farrobo, Portugal*, «Journal of Glass Studies», X, 1968, p. 76-78. Agradecemos mais uma vez aos Drs. D. B. Harden (Londres), K. Painter (Londres), P. Perrot (New York) e D. Barag (Jerusalém) o auxílio que nos prestaram no estabelecimento desta lista.

- ANNI / BONI num quadro rectangular. Cercadura serpentiforme nos quatro lados. Encontrado em Roma, nas catacumbas. CIL, XV, fase. I, 7055; W. Froehner, *Collection Auguste Dutuit*, Paris, 1897, p. 98, n.º 133, est. 120; Vopel, *ob. cit.*, n.º 23; Kisa, *ob. cit.*, p. 935, n.º 93; Morin-Jean, *ob. cit.*, p. 203, fig. 273; H. Lapauze, *Catalogue sommaire des collections Dutuit*, 1925, p. 82, n.º 243; Morey, *ob. cit.*, n.º 409.
3. Paris, Petit Palais, Collection Dutuit, n.º 233. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas por um traço, AME / BIBE num quadro rectangular. Cercadura serpentiforme em três lados do rectângulo. Encontrado em Roma, nas catacumbas. Froehner, *ob. cit.*, p. 98, n.º 134, est. 120; Morin-Jean, *ob. cit.*, p. 203, fig. 273; H. Lapauze, *ob. cit.*, p. 81, n.º 233; Morey, *ob. cit.*, n.º 419; F. Zanchi Roppo, *Vetri paleocristiani a figure d'oro*, Ravenna, 1967, p. 28, fig. 7.
 4. Lyon, Musée Archéologique. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas por um traço, OMO / BONE num quadro rectangular, com cercadura serpentiforme nos quatro lados. CIL, XV, 7035; Froehner, *La collection Tyskiewicz*, Paris, 1898, p. 36, n.º 105, est. VI; Vopel, *ob. cit.*, p. 96, n.º 16; Kisa, *ob. cit.*, p. 472 et 933, n.º 76.
 5. Ptuj, Museu da Cidade, n.º 984. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas por um traço, OMO / VALE, num quadro rectangular. Cercadura serpentiforme provavelmente nos quatro lados. A segunda linha é hoje completamente ilegível. Vê-se todavia num desenho antigo conservado no museu, embora a leitura VALE nos pareça um pouco duvidosa. Encontrado em Poetovio. I. Mikl, *Doa drobca steklenih posod z zlatom iz Petovije*, «Arheoloski Vestnik» XIII-XIV, p. 494.
 6. Colónia, Römisch-Germanisches Museum. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição em duas linhas: 0\0 /

/ MCI. Cercadura serpentiforme em três lados. Morey, *ob. cit.*, n.º 424; F. Fremersdorf, *Römische Gläser mit Fadenaufilage in Köln*, Colónia, 1959, est. 86.

7. Roma, Museu do Vaticano (Camposanto Teutonico). Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas por um traço: DVL / CIS. Quadro quadrado com cercadura serpentiforme em três lados. L. Pollock, *Auktionskatalog Sarti*, n.º 401, fig. 124 (cit. por Kisa); Kisa, *ob. cit.*, p. 427, 472 e 961, n.º 250 e fig. 207; Morey, *ob. cit.*, n.º 203; F. Zanchi Roppo, *Vetri paleocristiani a figure d'oro conservati in Italia*, Bologna, 1969, n.º 63, p. 67.
8. Aquileia, Museu da cidade, inv. 12.897. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas, MLL/ /MEV, num quadro rectangular, com fio serpentiforme dourado a marginar os lados menores e um fio serpentiforme azulado sobre o lado maior superior. M. C. Calvi, *I vetri romani del Museo di Aquileia*, Aquileia, 1968, n.º 338, p. 161 e fig. 3.
9. Aljustrel, Museu das Minas. Taça completa estudada neste artigo.
10. Aquincum, Museu da Cidade (?). Taça completa. Inscrição em duas linhas separadas por um traço, PROP / / INA, num quadro rectangular com cercadura serpentiforme em três lados. Encontrada em Aquincum. J. Szilagyí, *Aquincum*, Budapeste, 1956, p. 79 e est. III; Melinda Kaba, *Az Aquincumi Üvegek*, «Budapest Régiségei», XVIII, 1958, p. 438, fig. 10, n.º 20 e est. III, n.º 5-6.
11. Verona, Museo di Castelvecchio. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas por um traço, VITA / TIBI num rectângulo com cercadura serpentiforme em verde e vermelho. Morey, *ob. cit.*, n.º 275; F. Zanchi Roppo, *ob. cit.*, n.º 254, p. 211.
12. Corning Museum of Glass, 66-1-31. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição, em duas linhas separadas

por um traço, EOECI / ZHC IC, num rectângulo. Uma linha serpentiforme rematada por duas folhas de hera constitui uma espécie de frontão sobre o quadro.

13. Corning Museum of Glass, 66.1.147. Fragmento do fundo de uma taça. Inscrição BIBE num quadro rectangular com cercadura serpentiforme a toda a volta.

Nenhuma destas peças, à parte a de Farrobo, foi encontrada em contexto datável. Franca Zanchi Roppo ⁽¹⁶⁾ admite, porém, que os vasos *a fondi d'oro*, de um modo geral, começaram a fabricar-se no primeiro quartel do séc. m.

O copo da sepultura 32 pode aproximar-se de um grupo de peças semelhantes embora mais carenadas que datam provavelmente da segunda metade do século i e do n d. C. ⁽¹⁷⁾.

O fragmento 2 da sepultura 35 é talvez um boião do tipo Isings 68, ou uma taça idêntica a peças publicadas por Vanderhoeven e Isings ⁽¹⁸⁾. A peça 3 da mesma sepultura é um unguentário de reservatório bulbiforme, tipo que surgiu na segunda metade do século i d. C. ⁽¹⁹⁾. Exemplos datáveis de Portugal são os da Herdade do Carvalhal e de Pombalinho ⁽²⁰⁾, em sepulturas, respectivamente, de fins do séc. i — inícios do n e primeira metade do séc. ii.

⁽¹⁶⁾ F. ZANCHI ROPPO, *Vetri paleocristiani a figure d'oro*, Ravena, 1967; da mesma autora, *Vetri paleocristiani a figure d'oro conservati in Itália*, Bologna, 1969, p. XIII.

⁽¹⁷⁾ J. e A. ALARCÃO, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», V, 1966, Sep. 100, n.º 4; 113, n.º 2; 282, n.º 2; 282, n.º 3; J. e A. ALARCÃO, *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», VI, 1967, n.º 13 e p. 8; J. ALARCÃO, *Vidros romanos de Balsa*, «O Arqueólogo Português», 3.ª série, IV, 1970, p. 245, n.º 24; S. LANCEL, *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967, est. VIII, 4, p. 76 e 18.

⁽¹⁸⁾ VANDERHOEVEN, *ob. cit.*, n.º 39 e p. 30, datada da segunda metade do século ii; ISINGS, *Roman glass in Limburg*, n.º 60 e p. 21.

⁽¹⁹⁾ J. e A. ALARCÃO, *Vidros romanos do Museu de Martins Sarmiento*, «Revista de Guimarães» LXXIII, 1963, p. 200-202 sobre a cronologia deste tipo.

⁽²⁰⁾ J. e A. ALARCÃO, *Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância*, «Museu» 2.ª série, 10, 1966, n.º 6 e 7 e p. 6; J. ALARCÃO, *Espólio de uma sepultura luso-romana de Pombalinho (Santarém)*, «O Arqueólogo Português», 3.ª série, II, 1969, p. 82-83 e n.º 5.

CERÂMICA COMUM

JARROS

No espólio desta necrópole acham-se diversos tipos de jarros armados de uma asa. O número 3 da sepultura 3 e o número 1 da sepultura 36 constituem um mesmo tipo, que tem paralelo na necrópole de Valdoca, sepultura 206, número 1. Esta sepultura de Valdoca, com um jarro de sigillata hispânica do tipo 20 de Mesquiriz (do último quartel do século i d. C. ou do n) e um unguentário do tipo 82 de Isings (cujo fabrico começou na segunda metade do século i d. C.), pode datar-se de fins do século i ou do ii (21). Na sepultura 3 do Monte Farrobo, o jarro aparece associado a um pote (número 3) que podemos datar muito provavelmente dos fins do século i ou da primeira metade do n. Com efeito, este mesmo tipo de pote aparece na sepultura 32 (número 4) do Monte Farrobo associado a um jarro que se repete na sepultura 198 de Valdoca, sepultura que datámos de fins do século i ou da primeira metade do n (22). Por outro lado, o vidro 5 da sepultura 32 do Monte Farrobo tem a mesma cronologia. A convergência destas peças permite atribuir com grande probabilidade aos fins do século i ou à primeira metade do n os jarros das sepulturas 3 e 36 do Monte Farrobo.

Muito semelhante e talvez da mesma data é o jarro da sepultura 15, número 1, associado aqui a um tipo de pote que no nosso relatório de Valdoca atribuímos à segunda metade do século i d. C. (»).

O jarro número 1 da sepultura 32 é, como acabámos de dizer, atribuível à mesma época. O perfil repete-se na sepultura 198 de Valdoca e, com perfil já um pouco divergente, na sepultura 484 da mesma necrópole. A forma encontra-se também em Aramenha (24).

(21) J. e A. ALARCÃO, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», V, 1966, p. 60-61.

(22) J. e A. ALARCÃO, *art. cit.*, p. 59.

(28) J. e A. ALARCÃO, *art. cit.*, p. 11.

(24) JOSEFA DA CONCEIÇÃO NEVES, *Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha*, «Conimbriga», XI, 1972, n.º 28 e 34, p. 23 e 25.

O jarro da sepultura 34 tem paralelo no número 1 da sepultura 128 de Valdoca, provavelmente do século n d. C.

São formas para as quais não conhecemos por enquanto paralelos os jarros das sepulturas 11 (número 2), 13 (número 2), 33 e 37. Talvez o da sepultura 33 corresponda a urna forma de Aramenha ⁽²⁵⁾.

O jarro de bocal trilobado 6 da sepultura 32 talvez se possa aproximar do número 2 da sepultura 161 de Valdoca. Seja como for, deve atribuir-se-lhe a cronologia da sepultura 32, certamente de fins do século i ou da primeira metade do II d. C.

PÚCAROS

O púcaro número 1 da sepultura 4 é urna forma para a qual não conhecemos paralelo, por enquanto, na cerâmica romana do Alentejo.

Os números 1 e 2 da sepultura 17, o número 1 da sepultura 11 e o púcaro da sepultura 25 cabem num único tipo que tem paralelos nas sepulturas 1 (número 1), 101 (número 1) e 465 (número 1) de Valdoca e semelhança ainda com os púcaros das sepulturas 48 (número 2), 411 (número 1) e 420 (número 4) de Valdoca.

Na sepultura 1 de Valdoca, este púcaro está associado a um prato de sigillata clara A da forma 3 de Lamboglia, a qual começou a fabricar-se no tempo de Trajano ⁽²⁶⁾. O nosso púcaro pode, por conseguinte, ser dos inícios do século n d. C., o que aliás, concordaria com o achado do prato 4 da sepultura 17.

O púcaro 1 da sepultura 28 tem paralelo em Aramenha ⁽²⁷⁾.

O número 1 da sepultura 24 poderá talvez aproximar-se do número 2 da sepultura 244 de Valdoca, com um prato de sigillata clara C de tipo Lamboglia 40 ⁽²⁸⁾ atribuível á segunda metade do século ni.

⁽²⁵⁾ J. DA CONCEIÇÃO NEVES, *art. cit.*, n.º 36, p. 25.

⁽²⁶⁾ LAMBOGLIA, *Nuove osservazioni sulla terra sigillata chiara (tipi A e B)*, «Rivista di Studi Liguri», XXIV, 1958, p. 265.

⁽²⁷⁾ J. DA CONCEIÇÃO NEVES, *art. cit.*, n.º 23-26 e p. 21-22.

⁽²⁸⁾ LAMBOGLIA, *Nuove osservazione sulla terra sigillata chiara II*, «Rivista di Studi Liguri», XXIX, 1963, p. 147-150.

COPO

Não encontramos paralelo para o copo da sepultura 8 (número 1).

TIGELAS

Cabem no mesmo tipo de tijela hemisférica os números seguintes: 1 da sepultura 3; 2 da sepultura 4; 2 da sepultura 8; 1 e 4 da sepultura 18. A forma, muito simples, deve ter-se fabricado em todas as épocas, o que torna inútil a procura de paralelos. Outros tipos de tigelas são os das sepulturas 28 (número 2), 27 (número 1), 10 (número 1) e 13 (número 1).

COPA

O número 2 da sepultura 36 é semelhante à copa 1 da sepultura 267 de Aljustrel. A forma encontra-se em cerâmica comum de Conimbriga ⁽²⁹⁾ e em cerâmica de paredes finas ⁽³⁰⁾.

PRATOS E FRIGIDEIRAS

O prato (ou frigideira ?) número 3 da sepultura 17 deve datar-se dos fins do século I ou dos inícios do II, data que atribuímos à sepultura. Menos comum é o número 1 da sepultura 6, provavelmente também do século I, data que atribuímos ao jarro

⁽²⁹⁾ J. ALARCÃO, *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra, 1974, tipo 549, em estratos de Cláudio e Trajano.

⁽³⁰⁾ FRANÇOISE MAY ET, *La céramique à parois fines de Conimbriga*, «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», II, Coimbra, 1971, est. I, 4 e p. 447, apontando uma data nos meados do século I d. C.; MERCEDES VEGAS, *Cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*, Barcelona, 1973, fig. 27, n.º 4, 5, 8 e 10 e p. 83 e 85, nas quais se apontam para estas peças datas na segunda metade do século I d. C.

de vidro da mesma sepultura. Um terceiro tipo é representado pelo número 1 da sepultura 5.

Os números 1 e 2 da sepultura 14 constituem um mesmo tipo fabricado em dois tamanhos, com paralelo na sepultura 36 de Valdoça (não datável). Outro tipo de prato com bordo em forma de aba é representado pelos números 2 da sepultura 5, 1 da sepultura 35 e 2 da sepultura 18; da sua presença na sepultura 35 parece dever deduzir-se uma data na segunda metade do século i ou no II d. C.

POTES

O tipo representado pelo número 4 da sepultura 32 e pelo número 4 da sepultura 3 pode, como atrás vimos, datar-se de fins do século i ou da primeira metade do II d. C. A mesma cronologia deve atribuir-se ao pote número 2 da sepultura 2.

Os potinhos das sepulturas 19 (número 1) e 24 (número 2) podem aproximar-se dos encontrados nas sepulturas 121 (número 2) e 428 (número 1) de Valdoça. A cronologia destas sepulturas não pode, porém, estabelecer-se.

OUTRAS CERÂMICAS

COM VIDRADO PLÚMBEO

O vaso número 2 da sepultura 20 é uma peça de vidrado plúmbeo.

A produção desta cerâmica na parte ocidental do império romano não foi ainda objecto de um estudo geral e sistemático não obstante o número de peças encontradas em escavações ⁽³¹⁾-

⁽³¹⁾ Vid., entre outros, por tratarem com mais desenvolvimento do assunto ou apresentarem bibliografia: DÉCHELETTE, *Les vases céramiques ornés de la Gaule*, Paris, 1904, vol. I, p. 60; HAWKES e HULL, *Camulodunum*, First

Na Espanha, Ribas Beltrás recenseou as localidades em que esta cerâmica apareceu ⁽³²⁾. Em Portugal, Maria Adelaide Garcia Pereira apresentou uma lista completa dos achados feitos no nosso território ⁽³³⁾.

Os achados, quando datáveis, vão de Augusto a Vespasiano.

O nosso exemplar, pela disposição das escamas, pela modelação do bordo e pela armação das asas é tão afim de um cântaro do Kunsthistorisches Museum de Viena ^(M) e de uma peça encontrada no *mithraeum* da igreja de Santa Prisca, em Roma ⁽³⁵⁾, que podemos julgá-los saídos a todos da mesma oficina. Outras peças, vidradas e decoradas com folhas imbricadas, possivelmente ainda da mesma fábrica, foram recenseadas por Kern ⁽³⁶⁾.

CERÂMICA DE PAREDES FINAS

Os copos das sepulturas 2 (número 1) e 10 (número 2) cabem na categoria de cerâmica de paredes finas, embora de fabrico pouco cuidado. Representam possivelmente um fabrico alentejano de imitação. Peças tecnologicamente semelhantes são comuns

report on the excavations at Colchester, 1930-39, Oxford, 1947, p. 202; ETTLINGER, *Die Kramik der Augster Thermen*, Basileia, 1949, p. 83-84; ETTLINGER e SIMONETT, *Eömische Keramik aus dem Schutthügel von Vindonissa*, Basileia, 1952, p. 28-37; CHARLESTON, *Roman Pottery*, Londres, 1955, p. 24-25.

⁽³²⁾ M. RIBAS BELTRÁN, *Cerámica vidrada romana en Matará*, «Pyrenae», I, 1965, p. 155-171. Posteriormente foram publicados novos achados de Llafranc (M. GLORIA TRIAS RUBIES, *Materiales arqueológicos de Llafranc (Gerona)*, «Pyrenae», II, 1966, p. 110, fig. 10, 1 e est. IV, 9) e Herrera de Pisuerga (A. GARCÍA y BELLIDO, A. FERNANDEZ DE AVILÉS e M. A. GARCÍA GUINEA, *Excavaciones y exploraciones arqueológicas en Cantabria*, Madrid, 1970, p. 14).

⁽³³⁾ MARIA ADELAIDE GARCIA PEREIRA, *Fragmento de vaso vidrado a verde da estação romana de Tróia (Setúbal)*, «O Arqueólogo Português», 3.^a série, V (1971), p. 146, nota 2.

⁽³⁴⁾ J. H. C. KERN, *Una copa romana de vidrado verdoso en el Museo de Leiden (Holanda)*, «Ampurias», XIX-XX (1957-58), p. 232-237.

⁽³⁵⁾ M. J. VERMASEREN e C. C. VAN ESSEN, *The excavations in the Mithraeum of the church of Santa Prisca on the Aventine*, Leiden, 1965, p. 358, n.º 137 e fig. 78.

⁽³⁶⁾ KERN, *art. cit.*

na necrópole de Valdoca e em outras necrópoles alentejanas cujo espólio se guarda nos museus de Vila Viçosa e Eivas. A decoração mamilonar destes dois copos é característica da segunda metade do século i d. C., continuando todavia em parte do n (37). Peças semelhantes encontram-se nas sepulturas 26, 162, 270, 400 e 441 de Valdoca.

CERÂMICA CINZENTA COM GUILOCHÉ

O pote 2 da sepultura 15 entra num grupo cerâmico para o qual chamámos pela primeira vez a atenção no nosso estudo sobre a necrópole de Valdoca (38). Trata-se de uma cerâmica de cor cinzenta ou cinzento-acastanhado, decorada com guiloché ou pequenos alvéolos quadrados feitos com rolete, em banda larga ou em várias bandas estreitas. Além de Valdoca e do Monte Farrobo, a mesma cerâmica aparece na Aramenha e em Conimbriga (39).

SIGILLATA CLARA

O prato de sigillata clara C da sepultura 16 é do tipo 50 A de Lamboglia e Hayes. É bastante semelhante à peça de Saloniki, apresentada por Hayes (40), o qual a considera de transição entre as formas 50 A e 50 B e, por conseguinte, provavelmente da 1.ª metade do séc. iv d. G.

(87) LAMBOGLIA, *Gli scavi di Albintimilium e la cronologia della cerâmica romana* Bordighera, 1950, p. 203; F. MAYET, *La céramique à parois fines de Conimbriga*, «Actas do II Congresso Nacional do Arqueologia», Coimbra, 1971, vol. II, p. 447.

(38) J. e A. ALARCÃO, *O espólio*, cit., p. 11.

(39) Na Aramenha: J. DA CONCEIÇÃO NEVES, *art. cit.*, est. III, n.º 21 e p. 20. Em Conimbriga: J. ALARCÃO, *Cerâmica, comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra, 1974, p. 99-100, n.º 606-608.

(40) HAYES, *Late Roman Pottery*, Londres, 1972, p. 71 e n.º 55.

A taça da sepultura 38 é uma peça do tipo 2 de Lamboglia, 9 A de Hayes. Forma muito comum, é datável de c. 100-160 d. C. ⁽⁴¹⁾.

A travessa da sepultura 20 é uma peça que se aproxima da forma 42 de Hayes: é todavia mais comprida e estreita e de abas lisas, não recortadas. Hayes sugere para este seu tipo a data 220-240/250 ⁽⁴²⁾.

LUCERNAS

O relatório manuscrito das escavações da necrópole do Monte Farrobo, que consultamos no museu de Aljustrel, menciona várias lucernas que desapareceram do museu.

Conservam-se dois fragmentos da sepultura 5, talvez de urna mesma lucerna, inclassificável. A cena de Léda e o cisne ornamenta o disco.

A lucerna da sepultura 20 cabe no tipo 27 de Dressel-Lamboglia ⁽⁴³⁾, tipo que este segundo autor atribuiu ao século n; corresponde igualmente ao tipo VIII B de Deneauve, por este datado de 150-200 d. C. A lucerna de bico cordiforme e asa perfurada, decorada na orla com uma coroa de louros ou de outra folhagem, atada a intervalos regulares, é corrente ⁽⁴⁴⁾. Uma

⁽⁴¹⁾ HAYES, *ob. cit.*, p. 37. No sul de Portugal, a forna 9 A de Hayes encontra-se nas Represas (Beja) e na Abicada (Mexilhoeira Grande, Lagos), vid. M. DELGADO, *Terra sigillata clara de museus do Alentejo e Algarve*, «Conimbriga», VII, 1968, p. 46-48, n.º 5-9.

⁽⁴²⁾ HAYES, *ob. cit.*, p. 60-61.

⁽⁴³⁾ Vid. o quadro publicado em R. BAILLEY, *Essai de classification des marques de potiers sur lampes en argüe dans la Narbonnaise*, «Cahiers Ligures de Préhistoire et d'Archéologie», 11, 1962, p. 79-127.

⁽⁴⁴⁾ JEAN DENEAUVE, *Lampes de Carthage*, Paris, 1969, n.º 939-963; L. LERAT, *Catalogue des collections archéologiques de Besançon, I. Lampes antiques*, Besançon, 1954, n.º 94-95; R. HAKEN, *Roman lamps in the Prague National Museum and in other Czechoslovak collections*, Praga, 1958, n.º 77-79, com marca L. CAE (cilii) SAE (cularis) e n.º 84, lucernas que o autor data do último terço do século ii ou dos inícios do ni; M. PONSICH, *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane*, Rabat, 1961, n.º 343, tipo III C, que o autor data de c. 70 a c. 125 d. C., data a nosso ver exageradamente alta; M. PONSICH, *Les lampes romaines de la collection Ingres*, «Revue Archéologique du Centre» II (2), n.ºs 71-72; LILIANA MERCANDO, *Lucerne greche*

lucerna muito semelhante foi encontrado na necrópole de Raqqada (Tunísia) ⁽⁴⁵⁾

A lucerna da sepultura 27 é, como a anterior, do tipo Dressel-Lamboglia 27. Em lucernas de bico cordiforme e asa perfurada é frequente a decoração de óvulos na orla ⁽⁴⁶⁾.

A lucerna da sepultura 29, decorada no disco provavelmente com duas cornucopias cruzadas, é inclassificável.

F I B U L A

A fibula da sepultura 2 cabe no grupo de Aucissa. Este é abundante no período claudio-neroniano, mas alguns achados mais antigos obrigam-nos a recuar a sua origem até à época de Augusto ⁽⁴⁷⁾. Um exemplar de Fishbourne, anterior a 75 d. C., é semelhante ao nosso pela sua simplicidade ⁽⁴⁸⁾.

romane delVantiquarium Comunale, Roma, 1962, est. XIII, 4, com um retrato que a autora admite (p. 37) ser de Marco Aurélio; DONALD M. BAILEY, *Greek and Roman pottery lamps*, Londres, 1963, est. 11 d, p. 30, atribuída aos fins do século II ou inícios do III; T. SZENTLÉLEKY, *Ancient lamps*, Amsterdam, 1969, n.º 147 e 148.

⁽⁴⁵⁾ A. Mahjoubi, J. W. Salomonson, A. Ennabli, *Nécropole romaine de Raqqada*, Tunis, 1970, túmulo B 32, p. 18 e est. XXXV.

⁽⁴⁶⁾ DENEAUVE, *ob. cit.*, n.º 915-919; COLONEL REYNIERS, *Lampes inédites de Tunisie*, «*Revue Archéologique du Centre*», IV (3-4), 1965, n.º 21, p. 218; HAKEN, *ob. cit.*, n.ºs 73 e 75; MERCANDO, *ob. cit.*, est. XIII, 2 e p. 37; PHILIPPE BRUNEAU, *Les lampes (Exploration Archéologique de Délos)*, Paris, 1965, est. 31, n.º 6279; CLAUDETTE BELCHIOR, *Lucernas romanas de Conimbriga*, Conimbriga, 1969, est. XVIII, 3 e p. 61, com marca L. CAEC (ili) SAE (ularis), oleiro provavelmente de fins do séc. II ou inícios do III (p. 140); R. HAN OUNE, *Lampes de Graviscae*, «*Mélanges d'Archéologie et d'Histoire de l'École Française de Rome*», 82, 1970, p. 244, n.º 29, de fins do séc. II ou inícios do III; CHRISTIANE DELPLACE, *Présentation de Vensemble des lampes découvertes de 1962 à 1971*, in J. MERTENS, *Ordonna, IV, Rapports et études*, Bruxelas, 1974, n.º 783, p. 65, atribuída exageradamente aos fins do século I ou à primeira metade do II.

⁽⁴⁷⁾ HAWKES e HULL, *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-39*, Oxford, 1947, p. 321-322; G. ALBERT, *Die romischen Donau-Kastelle Aislingen und Burghöfe*, Berlim, 1959, p. 68.

⁽⁴⁸⁾ B. CUNLIFFE, *Excavations at Fishbourne, 1961-69*, Londres, 1971, p. 104 e fig. 39,37.

CONCLUSÃO

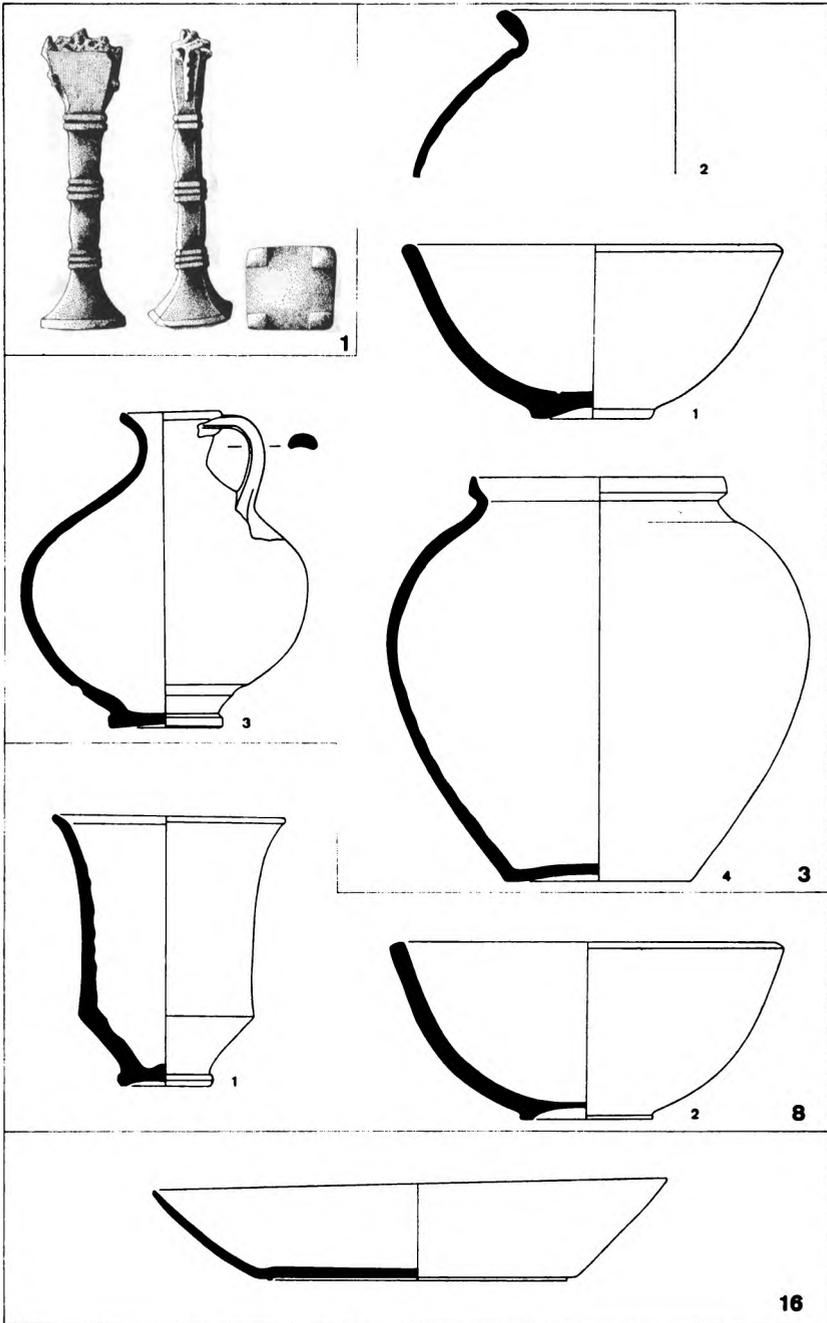
O quadro da página seguinte dá uma imagem da distribuição das sepulturas no tempo, entre 50 e 350 d. C., datas que constituem aparentemente os limites cronológicos dos materiais encontrados. Na coluna da esquerda figuram os números das sepulturas. É estranhável que a maior parte das sepulturas se situe entre 50 e 150 d. C., e tão poucas entre 150 e 350 d. C. Deve todavia recordar-se que apenas 19 sepulturas em 30 tinham espólio datável. Se admitirmos que as 11 sepulturas sem espólio datável se situam entre 150 e 350 d. C, obteremos uma distribuição mais equilibrada das sepulturas ao longo do tempo. Será que, posteriormente a 150 d. C., o espólio das sepulturas se tornou menos abundante e mais pobre (com menos peças de qualidade) e por conseguinte menos datável?

A sepultura 20, que parece dever datar-se de c. 200-250 pelo mais cedo, tem todavia um vaso de vidro verde do séc. i d. C., peça certamente transmitida de geração em geração como coisa apreciada e poupada.

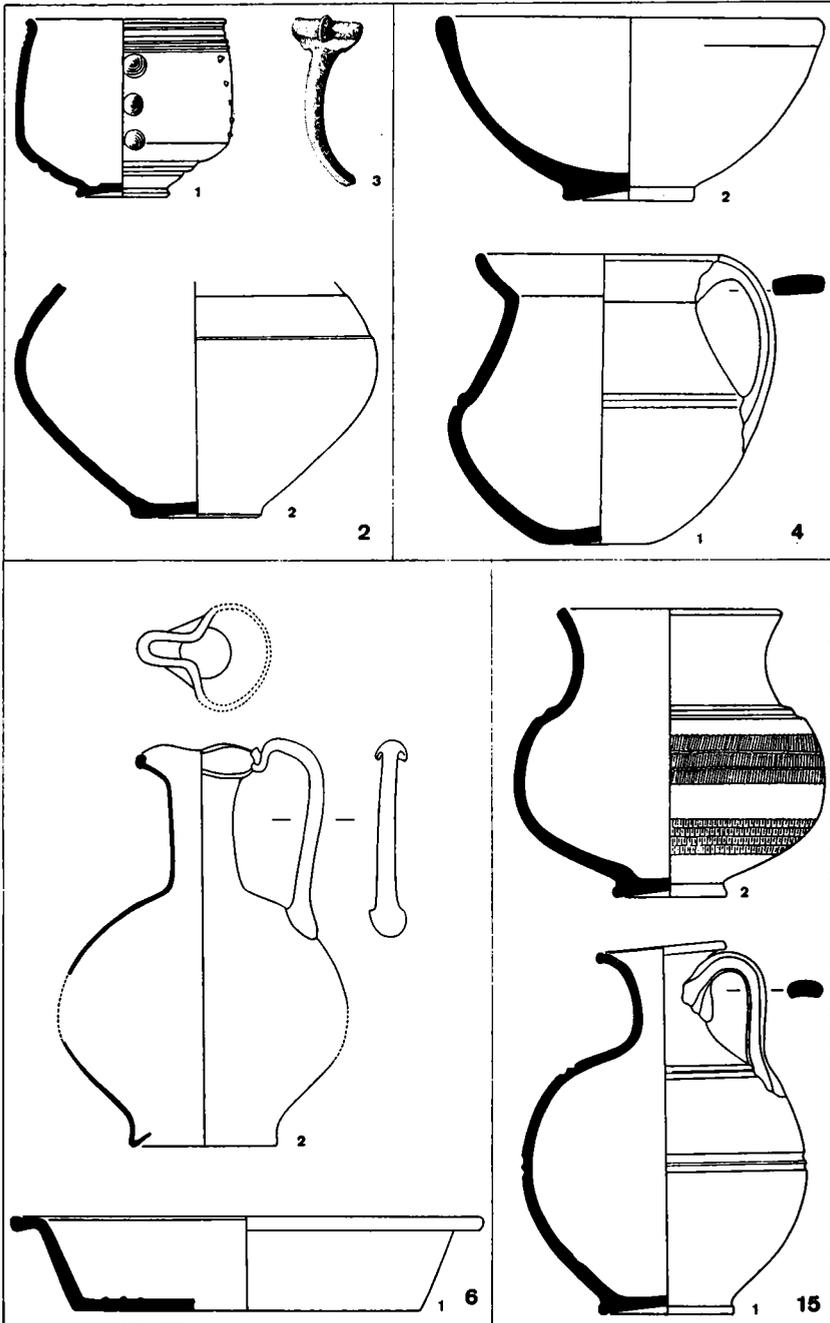
30 sepulturas com espólio e 8 manchas de cinza que os escavadores interpretaram igualmente como sepulturas são, evidentemente, pequena necrópole para um sítio ocupado durante pelo menos 300 anos; sobretudo porque a riqueza de um espólio como o da sepultura 20 nos obriga a crer que a *villa* (se é que a necrópole corresponde a *villa*) pertencia a proprietários abastados. Terá a necrópole sido completamente escavada?

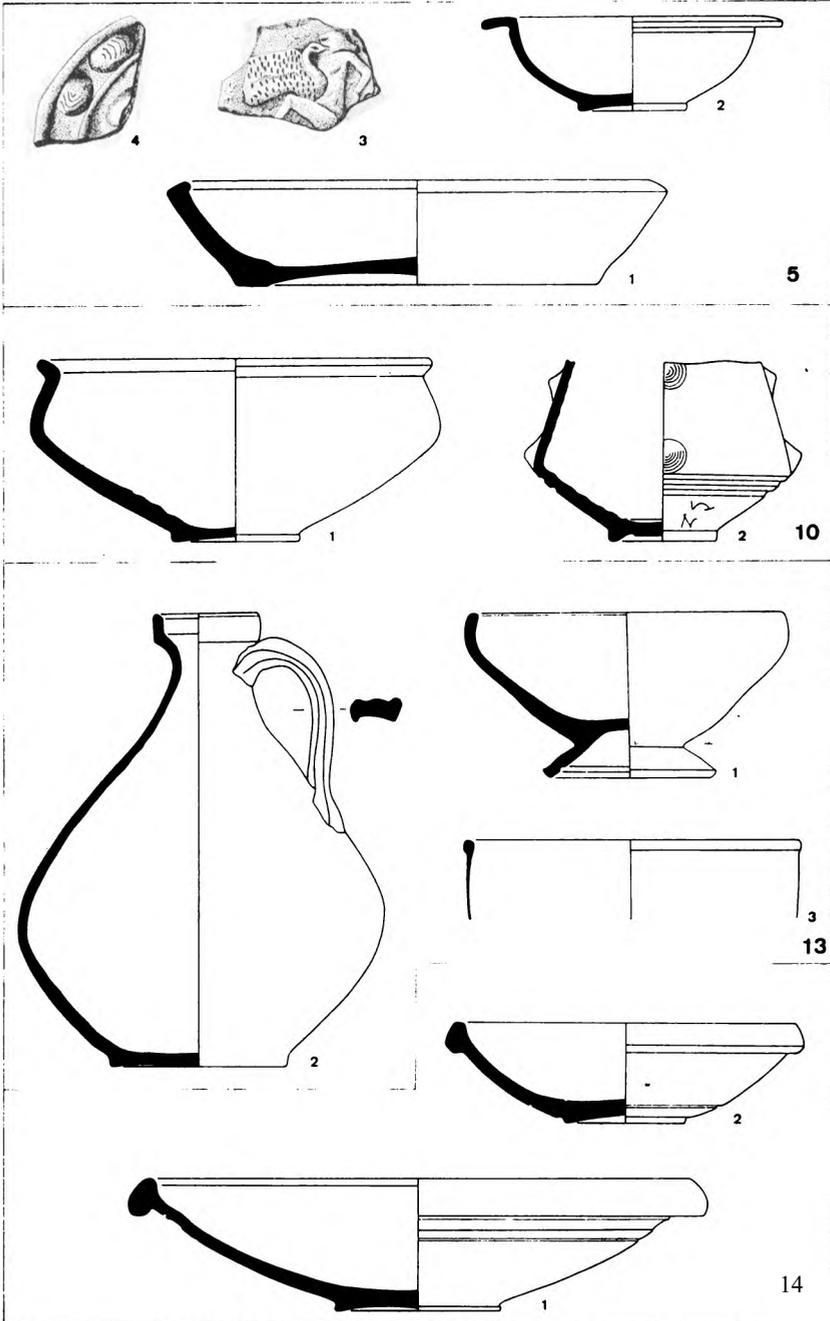
JORGE DE ALARCÃO

sepulturas	50	100	150	200	250	300	350
6							
10							
2 15							
3 17 18							
32 35 36							
11 25							
38							
27 34							
13							
20							
24							
16							

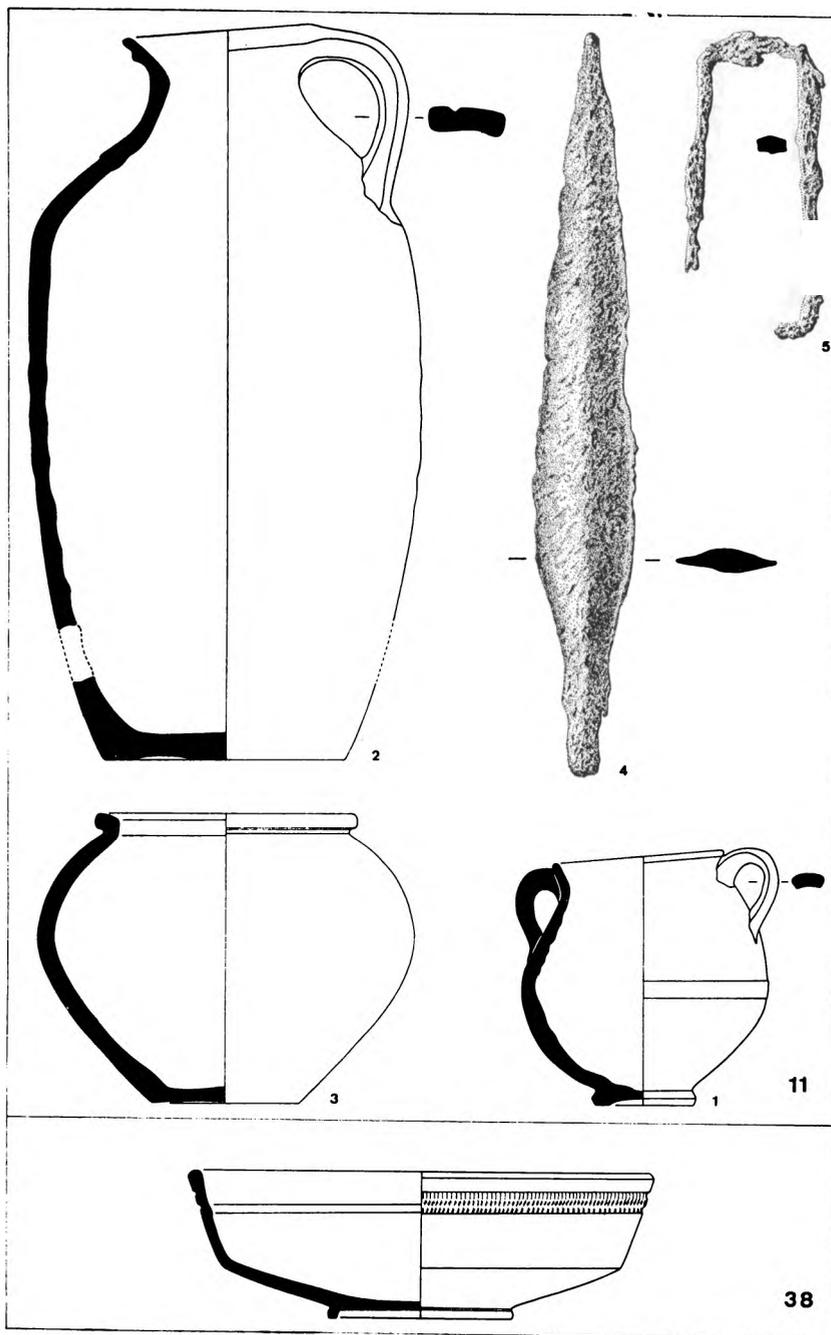


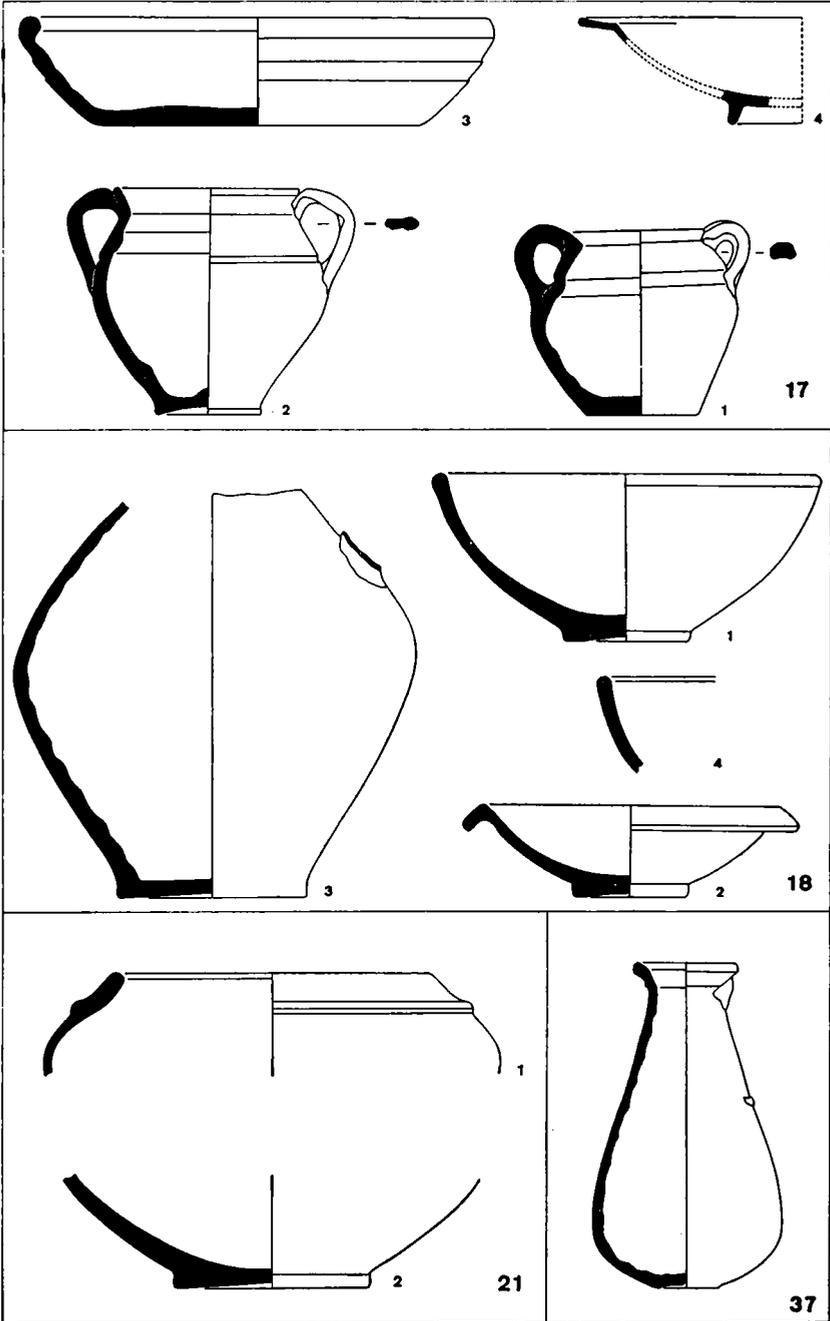
Est. II



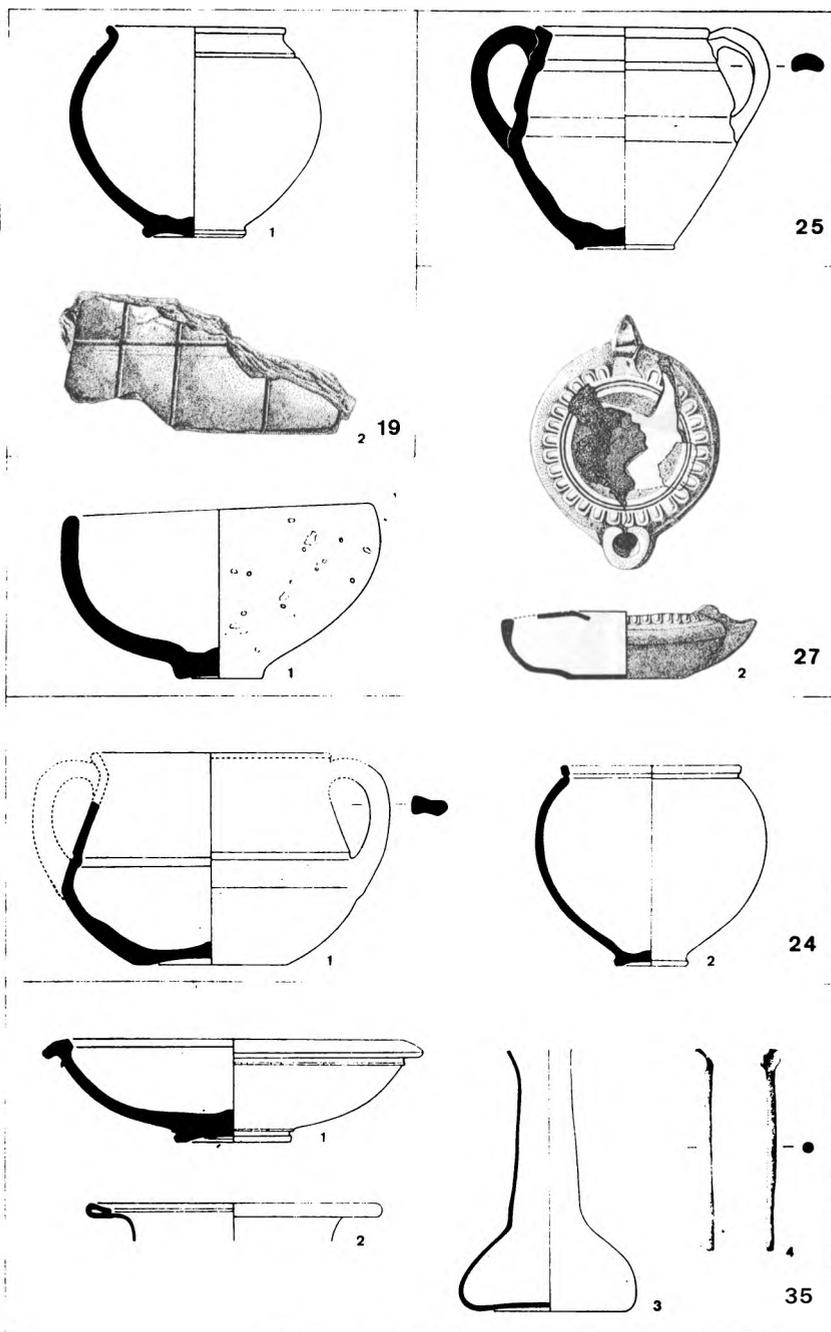


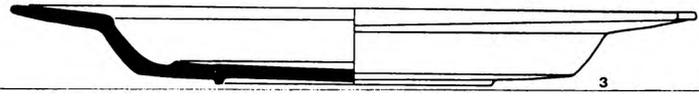
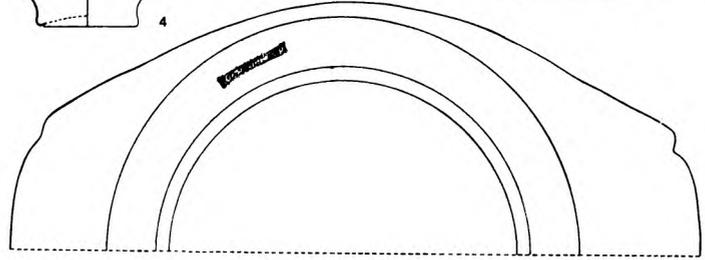
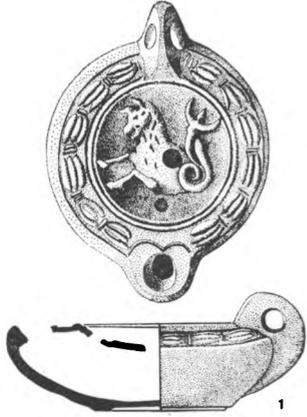
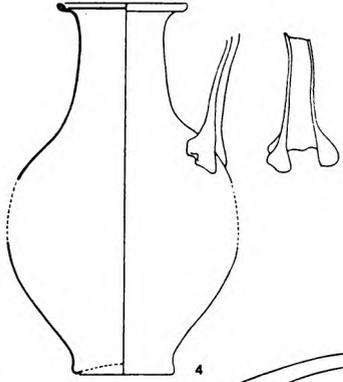
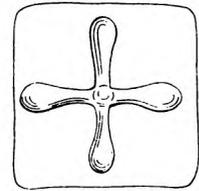
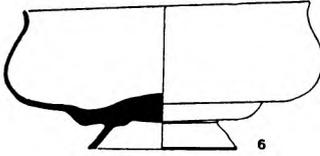
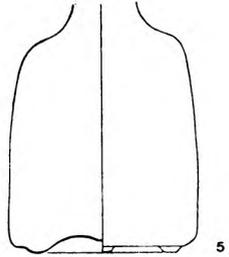
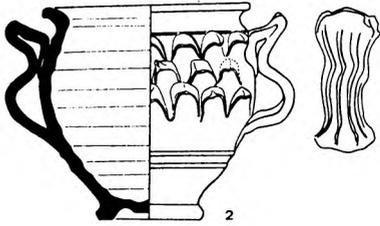
Est. IV





Est. VI





Est. VIII

